

REVISITANDO UM LIVRO DIDÁTICO EM HISTÓRIA: UMA NOVA GERAÇÃO DE HISTORIADORES EM OBRA DA HISTÓRICA EDITORA SARAIVA

REVISITING A TEXTBOOK IN HISTORY: A NEW GENERATION OF HISTORIANS IN THE WORK OF HISTORICAL SARAIVA PUBLISHER

Rogério Duarte Fernandes dos Passos

RESUMO

Objetiva-se revisitar a obra “História: da hominização à colonização: rumo à conexão dos continentes”, dos historiadores Ronaldo Vainfas, Jorge Ferreira, Sheila de Castro Faria e Georgina dos Santos, uma nova geração de professores de História, abordando o processo de hominização até os intercâmbios mundiais intensificados a partir do Século XV, que formatam os fenômenos da globalização e mundialização, trazendo significativos recursos pedagógicos para o trabalho em sala de aula neste componente curricular em uma das possíveis últimas obras editadas pela histórica Editora Saraiva de São Paulo, cuja falência foi decretada no segundo semestre do ano de 2023.

ABSTRACT

The aim is to revisit the work “History: from hominization to colonization: towards the connection of continents”, by historians Ronaldo Vainfas, Jorge Ferreira, Sheila de Castro Faria and Georgina dos Santos, a new generation of History teachers, addressing the process of hominization until the global exchanges intensified from the 15th century onwards, which shape the phenomena of globalization and mundialization, bringing significant pedagogical resources to classroom work in this curricular component in one of the possible last works edited by the historic Saraiva Publisher, from São Paulo, whose bankruptcy was declared in the second half of 2023.

Palavras-chave: Livro didático em História. Nova geração de historiadores. Novas abordagens no ensino de História. Obra da histórica Editora Saraiva.

Keywords: *Textbook in History. New Generation of historians. New approaches to teaching History. Book by historic Saraiva Publisher.*

SOBRE OS AUTORES

Ronaldo Vainfas, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos, são doutores em História Social pela Universidade de São Paulo, e Sheila de Castro Faria, doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), e nesta obra “História: da hominização à colonização: rumo à conexão dos continentes”, na 3ª edição, publicada em 2016 pela Editora Saraiva, de São Paulo, destinada ao primeiro ano do ensino médio, constroem um material que foi selecionado pelo Plano Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação do Brasil, trazendo substância à nova geração de historiadores que buscam integrar o estudo da História enquanto componente curricular apto a abarcar desde o processo de hominização até o movimento econômico-social dos diferentes continentes e suas correspondentes contribuições para a consolidação da experiência humana que se conduz ao momento presente.

SOBRA A OBRA

Nessa nova geração de historiadores brasileiros, a preocupação de alcançar uma perspectiva mais global, apta a contemplar o cenário histórico em uma sociedade mundializada e globalizada, se faz, de forma muito presente em obras como a que ora analisamos, sobretudo, por conta da Lei nº 10.639/2003, que no Brasil exigiu o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no sistema escolar, bem como pela crescente percepção que os fenômenos sociais, quase nunca, se constituem em manifestações isoladas, visto que influenciados por diferentes coletividades humanas e distintos centros de poder.

Por conseguinte, nessa teia de construção de sentidos acerca da cognição da História na qualidade de componente curricular da educação formal obrigatória, englobando ensino fundamental (antigo primeiro grau) e médio (outrora denominado segundo grau), os autores introduzem a obra para os estudantes indagando o significado do estudo de sociedades que não mais estão entre nós e, mesmo, sobre mulheres e homens que morreram (Vainfas; Faria; Ferreira; Santos, 2018, p. 3). Ademais, para além da tradicional visão de proporcionar a compreensão do presente, a História, nesse esteio, coloca-se como disciplina crítica dos dados da realidade e correspondente estratégia de inserção de nosso espaço neste mesmo momento em que a existência se desvela (Vainfas; Faria; Ferreira; Santos, 2018, p. 3).

De qualquer forma, a inserção das perspectivas humanas no quadro histórico não resta livre de periodizações, muitas delas feitas sob o olhar de uma historiografia tradicional, de maneira que a inserção de uma novel concepção crítica já alcança os estudos contemporâneos, a ponto de no próprio Século XX, o termo “Pré-História”, datado em ca. 3500 a.C., passar a ser questionado no marco referencial de localizar povos sem escrita (Vainfas; Faria; Ferreira; Santos, 2018, p. 16). Se há História na trajetória dos povos que viveram antes do advento da escrita, a reconstrução de seus modos de organização e de vida deve buscar outros recursos e ferramentas de análise, no que a pintura rupestre revela suposições e sentimentos que em dilação epistemológica, outrora não nos eram possíveis, justamente por persistir a tradição de uma abordagem positivista da disciplina no espectro de um viés de “ciência pura”, cujo olhar era oriundo da exclusividade de registros ditos mais concretos e sujeitos a uma catalogação e documentação, ao modo do modelo estruturado pelo historiador francês Numa Denis Fustel de Coulanges (1830-1899).

A superação ou transformação desse paradigma considera até mesmo possibilidades outras, como a concepção da História de forma similar à narrativa e à arte, trazendo inúmeros outros objetos e fenômenos como dignos de análise para o historiador se tornar um dos porta-vozes de seu tempo e do meio social em que esteve (e está) inserido. Porém, no exercício de agregar outras fontes, outros recursos e, em consequência, adquirir novas compreensões e sensibilidades, não raro percebe-se como as instituições e organizações humanas se mostram no campo das ideias frágeis e instáveis em face de alguns de seus princípios basilares, como no caso do estudo da Igreja e de seu papel nas guerras religiosas na Europa, e, mesmo, no deficiente reconhecimento da condição humana no outro por meio da violência e da escravidão, que, em linhas gerais, nos mais diferentes povos, pressupunha alianças entre potências estrangeiras e lideranças ou elites locais para se buscar o aprisionamento e aculturação de pessoas. E em apoio desses “apetites”, as ideologias, ajustadas à convergência e conveniência de interesses, enunciando uma “história das mentalidades violentas” e uma outra “história de preconceitos”, em que o nosso estudo no momento presente, em resgate dos fatos pretéritos, tem o dever de nos reorientar em direção de uma compreensão humanística, apta para proporcionar ao educando a visão consentânea de um

presente o qual, a par das realidades particulares ou multi localizadas, pressupõe outra, paralela, coletiva e solidária, em que o teatro de nossas ações e existências é um só, o planeta Terra, tendo como pano de fundo a própria experiência de evolução individual e aperfeiçoamento da trajetória humana rumo a um destino comum, que se queira mais seguro e feliz.

Neste “História: da hominização à colonização: rumo à conexão dos continentes”, os objetivos pedagógicos são ambiciosos, pois o destino comum da humanidade é buscado pela interação que a experiência existencial coletiva constrói, *ab initio*, no processo de hominização (ou hominação), que faz do ser humano – mesmo que uma realidade biológica –, um indivíduo com características deveras distintivas de outros seres vivos no ambiente, espaço e história –, e por segundo, sobretudo, a partir do Século XV, inicialmente no bojo do processo de globalização – e a integração mundial dos continentes em um único mercado com colonialismo, imposições e escravidão –, prosseguindo, em seguida, no de mundialização – com responsabilidades boas ou ruins compartilhadas, supondo, inclusive, o exercício e o estabelecimento global de direitos em uma sociedade internacional e, portanto, em âmbito de maior escala –, ainda que muitos dos contatos humanos, frutíferos na questão cultural, não deixaram de ser violentos e localizados para justificar projetos de poder político e econômico que, pondo o bem-estar do ser humano de lado, erigiram quase como se fossem um fim em si mesmo.

Se essa lógica do “poder pelo poder”, de certa forma persiste na experiência humana, o estudo de História deve ser a boa semente que frutifica em favor do ser, em que a reflexão em ínterim contínuo do passado para o olhar consciencioso do presente, ao lado da reconfiguração do ideário de poder para servir (e não se servir dele), pode, em conjunto à intenção de aperfeiçoamento individual, transformar as mazelas e proporcionar progresso rumo a um prospecto melhor. Esta, então, será a grande missão da disciplina no hodierno, integrando-se com outros saberes e conhecimentos que venham somar e agregar valor na difusão de uma cultura geral e, mesmo, na formação (o mais) integral (possível) do ser humano, que educando de hoje, alicerçará os pilares da condução social no futuro.

Os autores, conscienciosos do enorme e complexo conteúdo que deve ser abordado no ensino médio, não raro, exigido de professores e alunos em poucas aulas e não em todos os anos desse nível educacional, de forma eficaz, estabelecem, ao lado do projeto iconográfico do livro, uma espécie de “nota de rodapé invertida” ou “marca d’água” no alto do texto, assinalando a cronologia do tempo histórico estudado ao lado dos desenvolvimentos abordados no capítulo retratado – algo que, de forma eficaz, pode despertar o interesse e atenção dos estudantes por fatos ou aspectos específicos –, e indicam repertório de leitura de livros paradidáticos e até contribuições da cultura popular para a disseminação e tratamento das informações históricas. Acresça-se que no aspecto gráfico, os mapas se constituem em meio valioso para a localização espacial e geográfica dos temas estudados, nessa que é uma dificuldade histórica da disciplina no trato em sala de aula, e que pode ser suprida com o uso desse recurso contido na obra.

Em “História: da hominização à colonização: rumo à conexão dos continentes”, dedicada ao primeiro ano do ensino médio, temos um trabalho de escol no bojo dos livros didáticos de História ofertados no mercado editorial para o ensino e trabalho da disciplina, no que recomendamos vivamente a sua leitura e exame como possível ferramenta para a professora e o professor do componente curricular.

Não deixa, porém, de ser desalentadora, a notícia da decretação de falência no segundo semestre de 2023 da rede de Livrarias Saraiva pelo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, que integrante do grupo da histórica editora que nos traz a obra ora em comento, sucumbiu ao contexto de crise e transformação estrutural do mercado editorial brasileiro, possivelmente interrompendo agora uma trajetória de grandes contribuições à educação e cultura do país que perdurava desde a sua fundação em 1914 como a “Livraria Acadêmica” no Largo do Ouvidor, no centro da cidade de São Paulo, pelo imigrante português Joaquim Inácio da Fonseca Saraiva, e que, não muito tempo atrás, até nos sugeria a projeção de crescimento e expansão de negócios por conta da aquisição no ano de 2008 da tradicional Livraria Siciliano.

De qualquer forma, os livros permanecem e, agora, restam também como objetos de trabalho e fontes para a História.

REFERÊNCIA

VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina dos. **História:** da hominização à colonização: rumo à conexão dos continentes. São Paulo: Saraiva, 3ª ed., 2016, 288 p.